

UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
DCSO - Departamento de Comunicação Social
FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Curso de Jornalismo

ISABELA GIORDAN LINHARES

MEMÓRIAS ÍNTIMAS

Bauru

2016

ISABELA GIORDAN LINHARES

MEMÓRIAS ÍNTIMAS

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da UNESP- Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:

Prof. Dr. Denis Porto Renó

ISABELA GIORDAN LINHARES

MEMÓRIAS ÍNTIMAS

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da UNESP-Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo.

Bauru, de de 2016.

Prof. Dr. Angelo Sottovia Aranha
Membro da Banca Examinadora

M^a Vivianne Lindsay Cardoso
Membro da Banca Examinadora

Prof^o Dr. Denis Porto Renó
Orientador e presidente da Banca Examinadora

A todas as mulheres que lutam com força e com graça pela vida.

Gostaria de agradecer primeiramente à aquela que sempre esteve do meu lado nos momentos bons, ruins e péssimos, à minha mãe Maria Leonor. Muito obrigada por todo o apoio ao longo desses quase 22 anos de existência. Agradeço também ao meu pai Marcos, que me ensinou a ver quase sempre o lado positivo das coisas e fez com que eu herdasse humor para encarar o dia a dia.

Agradeço aos meus queridos e amados amigos Heloísa, João Pedro, Julia e Jorge, que me acompanharam durante todos esses quatro anos e pouco. Vocês são parte do que essa Isabela se tornou e eu devo muito a vocês. Espero que essa amizade ultrapasse décadas. Gostaria de agradecer a todos que conheci e que de algum jeito contribuíram para a minha formação nesses anos de graduação. Também não posso deixar de lembrar, mesmo que indiretamente, de amigos que me ajudaram em outras épocas e colaboraram para que eu chegasse aqui.

Agradeço ao meu amado Heitor, que foi um apoio e uma força incrível durante os momentos angustiantes desse projeto. Obrigada por ser quem você é!

Agradeço a todos professores e mestres desta faculdade, que me ensinaram a ser uma pessoa e uma profissional melhor, que me mostraram como o jornalismo pode ajudar o mundo a ser um lugar melhor e este se tornou o meu foco desde então. Em especial, agradeço ao professor Denis Renó, que felizmente me acolheu como sua orientanda e que ajudou a transformar uma pequena ideia em uma das minhas maiores realizações pessoais. Também gostaria de agradecer aos membros da banca pela atenção e por terem aceitado fazer de um momento tão especial da minha história.

Não posso deixar de citar as minhas queridas entrevistadas, que deram não somente um relato de vida, mas também inspirações para toda uma vida. Querida tia Clara, Roberta, Fernanda, Cice e Maria Inez, muito obrigada.

“Acredito que só alcançamos o extraordinário do que somos ao sermos capazes de alcançar o extraordinário que é o outro.”

Eliane Brum

Resumo: O Câncer de Mama é o tipo da doença que mais mata mulheres no mundo. Segundo o Instituto Nacional de Câncer José de Alencar Gomes da Silva (INCA), em 2016 serão mais de 57 mil novos casos no Brasil. Entretanto, apesar das inúmeras campanhas preventivas, o diagnóstico tardio ainda leva milhares de mulheres a óbito todos os anos. O seguinte trabalho, produzido em formato de documentário, aborda a temática do câncer de mama e seus desdobramentos, tendo como fio condutor a história de vida de cinco mulheres que recebem um diagnóstico em comum. A partir dos depoimentos, que mostram as dificuldades e aprendizados das personagens, a autora busca colaborar com a prevenção contra o câncer de mama e também contribuir com o debate público acerca do tema.

Palavras-chave: Jornalismo. Documentário. Mulher. Câncer de Mama. Conscientização.

Abstract: Breast cancer is the world's deadliest disease among women. According to the Brazilian National Cancer Institute (INCA), an estimated 57 thousand new cases are expected to be diagnosed in Brazil in 2016. Despite numberless awareness campaigns, late diagnosis still takes thousands of women's lives away every year. The present study, produced as a documentary, approaches breast cancer issues and in which manners they unfold, built on the history of five women who are given similar diagnostics. Based on stories that show the characters' difficulties and learning experiences, the author of this project aims to collaborate with breast cancer prevention and contribute to the public debate concerning the issue.

Keywords: Journalism. Documentary. Woman. Breast Cancer. Awareness.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - Introdução.....	10
CAPÍTULO 2 – Fundamentação Teórica.....	12
CAPÍTULO 3 – Planejamento Jornalístico.....	15
CAPÍTULO 4 - Metodologia.....	17
4.1 Tema.....	17
4.2 Pré-Produção.....	17
4.3 Produção.....	17
4.4 Edição.....	19
4.5 Memorial.....	20
CAPÍTULO 5 – Considerações Finais.....	21
Referências Bibliográficas.....	23
Apêndices e Anexos.....	24
Apêndice 1 – Material gráfico.....	24
Apêndice 2 – Roteiro de perguntas padrão.....	25
Apêndice 3 - Termo de Cessão Gratuita de Direitos Sobre Licença de Uso de Imagem e Voz.....	27

LISTA DE TABELA E FIGURAS

Tabela 1 - Custos de produção.....	15
Tabela 2 - Lista de fontes que foram entrevistadas para o documentário Memórias Íntimas.....	22

1 INTRODUÇÃO

Não cabe ao jornalista apenas noticiar fatos, deve ser também o seu dever dar voz às pessoas que não têm a quem recorrer, à aqueles que são ignorados e deixados de lado pela sociedade. Como estudante de jornalismo de uma universidade pública, acredito que este dever seja ainda mais latente. É minha obrigação devolver à sociedade o investimento feito em minha educação. E de que forma melhor retribuir a essas pessoas do que dando o direito de fala a elas? Com a ajuda da tecnologia, cumprir essa responsabilidade tornou-se muito mais fácil, já que, além de retratar a realidade dessas pessoas, também é possível dar nome, rosto, identidade e a liberdade para que elas contem o seu lado da história.

Essa incumbência se intensifica ainda mais quando a missão é divulgar o relato de mulheres que estão enfrentando ou que já enfrentaram o câncer de mama. Segundo o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), essa ainda é a doença que mais mata mulheres no mundo inteiro. Em 2012 o câncer de mama representou 25% de todos os casos de carcinoma no mundo, contabilizando 520 mil mortes. Para o ano de 2016 são estimados mais de 57.790 novos casos somente no Brasil. Conforme o avanço da tecnologia, os tratamentos desse diagnóstico também se tornaram muito mais eficazes quando iniciados logo no começo da doença. Esse é o maior problema a ser enfrentado: o diagnóstico tardio. Apesar das inúmeras campanhas preventivas, é baixo o número de mulheres que consegue descobrir a doença no estágio inicial, resultando na complicação do tratamento ou até mesmo em óbito.

Uma das falhas mercadológicas que a autora deste projeto encontrou foi justamente a falta de material jornalístico produzido em linguagem simples o suficiente para cativar e instigar um público maior a se informar sobre o assunto. A maioria do material encontrado sobre a temática foi feito por profissionais da saúde, assim, se distanciando cada vez mais uma linguagem concisa para facilitar o entendimento do público para qual o produto é voltado. Essa falha pode ser uma das causas do diagnóstico tardio e da concepção do mito de que câncer é um sinônimo de óbito. Neste caso, a falta de uma informação de fácil compreensão pode gerar uma resistência sobre qualquer assunto relacionado ao câncer de mama. Com essa possível rejeição, é muito mais provável que a pessoa sem informação rejeite a importância do autoexame mensal, da mamografia anual, dos fatores de risco que podem contribuir para desenvolvimento de células cancerígenas, os sinais que o corpo pode dar se que algo está errado do que alguém que consegue compreender a e, principalmente, concebe-se o mito de que câncer é um sinônimo de óbito.

A partir desses dados, a autora realizou como projeto de conclusão de curso um documentário que visa tratar da realidade do câncer de mama no cenário atual brasileiro. Para isso, cinco mulheres

com um diagnóstico em comum, o de carcinoma, se reúnem em pouco mais de 27 minutos para, a partir de suas histórias, contribuir no trabalho de conscientização da prevenção do câncer de mama.

Sendo assim, este produto tem como objetivo dar voz a essas mulheres que, em algum momento de suas vidas, receberam o diagnóstico do Câncer de Mama. A autora também busca expor, ainda a partir de relatos pessoais, a diversidade de cada caso com a intenção contribuir para o entendimento do público sobre a doença e, assim, desmitificar possíveis preconceitos causados pela falta de informação. Além disso, um dos propósitos do projeto é contribuir de forma sólida para o debate público sobre o assunto abordado.

Apesar de não ser o foco central deste trabalho, o produto também busca levantar uma discussão acerca do Sistema Único de Saúde (SUS). Criado pela Constituição Federal de 1988, o SUS é considerado o maior programa de inclusão social do mundo, e é o acesso de qualquer brasileiro para um tratamento de saúde gratuito. Um dos serviços oferecidos pelo sistema é o tratamento de oncologia, que deve ser iniciado no período de até 60 dias, segundo a Lei nº 12.732, 22 de novembro de 2012. Outra problemática é que, além da pouca divulgação dos tratamentos oferecidos pelo SUS, as informações que são veiculadas, em muitos dos casos, são um retrato estereotipado e raso do sistema. Neste caso, também é possível perceber a falha no mercado jornalístico em divulgar informações claras e completas sobre esse serviço gratuito e que devem ser de conhecimento público.

Assim, em um vídeo extra, ainda utilizando o depoimento dos entrevistados, esse produto também veicula dados sobre a atuação do Sistema Único de Saúde no Estado de São Paulo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme os motivos já citados, o formato escolhido para o desenvolvimento deste projeto experimental foi o documentário. A partir dessa escolha, é importante e necessário discutir quais são os conceitos que podem definir este modelo.

Segundo o autor norte-americano Bill Nichols (2005), todo filme é documentário. Entretanto, é possível classificá-los em dois tipos: documentários de satisfação de desejos, também conhecidos como filmes de ficção, e os documentários de representação social, filmes de não-ficção. Apesar de ambos exigirem uma interpretação do público, o documentário de representação social procura dar novos entendimentos de uma realidade do qual o seu público já está inserido.

Os documentários de representação social visam proporcionar novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (...) Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entra em cena varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário (NICHOLS, 2005, p.27-30).

A partir desta ideia de documentário, o autor ainda acrescenta que esse gênero pode ser classificado como um “conceito vago”, visto que o mesmo não detém um conjunto fixo de técnicas, questões, formas ou estilos. É possível afirmar que o documentário é “uma arena onde as coisas mudam”.

Já para o autor brasileiro Fernão Pessoa Ramos (2008), é de difícil definição o conceito de documentário, já que até pouco tempo sua existência era negada por críticos. Isso fez com que fosse comprometido o futuro das produções documentárias.

Se o documentário não existe, quem faz documentário faz o quê? Muitas vezes o conceito documentário confunde-se com a forma estilística da narrativa documentária em seu modo clássico, provocando confusão. Alguns autores se referem ao documentário em geral, mas têm no horizonte o documentário clássico, confundindo a parte com o todo (RAMOS, 2008, p.21).

A partir dos anos 90, aos poucos, foi criado o consenso de que o documentário era um campo além de sua narrativa clássica. Conforme a sua diversidade, Ramos afirma que o documentário “é uma narrativa composta por imagem, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala, para as quais olhamos em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa” (RAMOS, 2008).

De encontro com o pensamento de Fernão, Nichols diz que o documentário trata do esforço de nos convencer de uma determinada visão do mundo em que vivemos. Ou seja, essas asserções são definidas pela intenção do autor da produção não-ficcional. Fernão ainda afirma que essas asserções são passadas de duas formas e são elas que geram a sustentabilidade do produto.

Podemos dizer que a definição de documentário se sustenta sobre duas pernas, estilo e intenção, que estão em estreita interação ao serem lançadas para a fruição espectral, que as percebe como próprias de um tipo narrativo que possui determinações particulares: aquelas que são características, em todas as suas dimensões, do peso e da consequência que damos aos enunciados que chamamos asserções (RAMOS, 2008, p.27).

Sérgio Puccini ainda acrescenta que o documentário também é um “processo criativo do cineasta, marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador” (2009, p.15). Assim, essas escolhas interferem na escolha de recortes, concepção e edição do não-ficção, o que, conseqüentemente, orientara o sentido do resultado final, mesmo que por uma consciência subjetiva.

Além do conceito do formato documentário, também é necessário observar o gênero utilizado pelo produto. Nichols (2005) afirma que cada obra “tem sua voz distinta” e que, a partir da teoria do gênero, é possível identificar seis modos de representação, são eles: expositivo, poético, participativo, observativo, reflexivo e performativo.

Apesar de carregar características de vários subgêneros, o seguinte produto tem como traço mais forte o modo participativo.

O documentário participativo dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, o que é estar em determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera. Os tipo e graus de alteração ajudam a definir variações dentro do modo participativo do documentário (NICHOLS, 2005, p. 153).

A partir do produto final, foi possível perceber ainda mais a presença deste subgênero no documentário produzido. Visto que o mesmo possui em sua linha do tempo questões sociais abrangentes, perspectivas históricas a partir de entrevistas, uma grande variedade de assuntos dentro do tema e entrelaça as representações do mundo derivadas de perspectivas específicas, seguindo assim as peculiaridades de um documentário participativo, conforme foram conceituadas por Nichols.

A partir das ideias apresentadas, é possível afirmar que o documentário é um filme não-ficcional que visa proporcionar novas visões, assim como reafirmar asserções, a partir de escolhas subjetivas do cineasta. Sendo assim, o produto apresentado busca seguir essas concepções de documentário.

Em relação à linguagem, a autora buscou, a partir dos relatos recolhidos, adotar de uma linguagem simples e clara para atingir o maior número de pessoas o possível. Apesar de ser uma temática voltada para o público feminino, o assunto abordado ainda é de interesse público, assim, este tipo discurso colabora com uma maior compreensão e esclarecimento do tema.

3. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

A produção do documentário foi feita, principalmente, para um público brasileiro do sexo feminino, sem definição de idade, classe social ou região. Apesar de ser um conteúdo voltado a um determinado sexo, o produto não deve ser divulgado apenas para o seu público-alvo, a temática desenvolvida é de interesse público e deve ser debatido entre todos.

Inicialmente, o produto seria composto de apenas uma composição, porém, após o período de edição, percebeu-se a necessidade de um segundo vídeo, exibido como extra, focado inteiramente no Sistema Único de Saúde. O produto final é composto por dois vídeos, um de 27 minutos e outro de aproximadamente seis minutos.

O projeto não foi pensado a partir de um viés comercial. Por ser uma temática de interesse público, a autora acredita que o projeto deve ser fácil acesso para todos. Primordialmente, a divulgação do conteúdo será feita através de plataformas online, tais como “Youtube” e “DailyMotion”.

A única exceção à regra, é a possibilidade de negociação para a divulgação e exibição do documentário em programação de canais de televisão públicos e abertos. Além disso, é de vontade da autora que o produto seja utilizado em campanhas de prevenção contra o câncer de mama, visto que essa é a intenção original do projeto.

Como uma forma de estilizar o produto, a autora produziu uma identidade visual baseada nas imagens captadas ao longo das filmagens. Se houver a necessidade da produção de algum tipo de material gráfico, o mesmo deve seguir a ideia proposta (Apêndice 1).

Na tabela abaixo, segue os custos de implantação do projeto até o momento:

Tabela 1 - custos de produção

EQUIPAMENTO/MATERIAL	CUSTO
Uso de software para edição (Adobe Premiere Pro CC)	R\$ 65,00
Transporte interno (combustível)	R\$ 50,00
Impressão dos termos de uso de imagem e voz	R\$ 2,00
Custos de filmagem	R\$100,00
Impressão de arte e memorial de projeto experimental	R\$50,00
DVDs para divulgação do produto final	R\$ 20,00

TOTAL	R\$ 272,00
--------------	------------

Para ajudar na divulgação do produto, está nos planos da autora reeditar o conteúdo que não foi utilizado na produção do projeto e publicá-lo como uma versão estendida. Os vídeos serão disponibilizados online para que os interessados tenham acesso a todo o conteúdo coletado para este trabalho.

4 METODOLOGIA

4.1 TEMA

A inspiração para a escolha do tema veio de forma espontânea. Após meses sondando um objeto para o trabalho de conclusão de curso, a notícia de que um familiar próximo havia recebido o diagnóstico de câncer de mama fez com que o tema fosse decidido. Primordialmente, o documentário seria realizado apenas com mulheres que tivessem sido tratadas unicamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas durante a edição essa definição foi repensada já que uma das entrevistadas fez o tratamento por um convênio médico particular. Além disso, a proposta inicial de tempo de duração para o produto foi de aproximadamente 26 minutos e, devido à vasta quantidade de material coletado, não havia espaço o suficiente no documentário principal para tratar de forma aprofundada o assunto. Por isso a necessidade de um vídeo extra para manter a proposta inicial de abordagem.

4.2 PRÉ-PRODUÇÃO

Foi feito pela autora do projeto uma pesquisa bibliográfica para apurar e analisar a situação do câncer de mama no Brasil. Nela, se descobriu que esse tipo de câncer é o segundo mais comum entre mulheres, perdendo apenas para o Câncer de Pele Não Melanoma. Em 2016 são esperados 175.760 novos casos de câncer de pele contra 57.790 de neoplasia mamária, segundo dados do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA).

Além disso, com a pesquisa de pré-produção, foi possível notar uma falha mercadológica. A maioria dos produtos encontrados pela autora foram roteirizados para profissionais da saúde, ou seja, existe a falta de uma linguagem acessível que dificulta o entendimento do assunto para um público leigo. Assim, a autora decidiu focar o seu projeto em um produto feito com uma linguagem concisa e de fácil compreensão para incluir todos aqueles que queiram entender sobre o assunto.

4.3 PRODUÇÃO

Para encontrar as fontes deste documentário, foi necessário que a autora entrasse em contato com associações de combate ao câncer residentes no município de Bauru (SP), comparecesse a eventos voltados para pacientes de neoplasia mamária e buscasse em mídias municipais nomes de personalidades que se encaixassem no perfil proposto. Durante o evento “Campanha Quimioterapia e Beleza com Flávia Flores”, realizado em setembro de 2015, em Bauru (SP), a autora conseguiu com colaboradoras da Organização Não Governamental Amigas do Peito, o contato de duas das entrevistadas (Fernanda e Roberta). Com a colaboração da assessoria de imprensa da Fundação para

o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (FAMESP), foi possível entrar em contato com outra entrevistada (Maria Inez). Com a ajuda de reportagens do site G1, foi possível encontrar a fanpage de uma maquiadora bauruense que, após receber o diagnóstico do câncer de mama, começou um projeto de voluntariado de maquiagem no Hospital Estadual de Bauru. A única personagem que a autora já mantinha contato é a Clara Lucia, isso se deve ao fato delas possuírem um grau próximo de parentesco.

O contato com as entrevistadas foi feito, principalmente, via e-mail ou por redes sociais. Na tabela abaixo, segue a justificativa para cada entrevistado.

Tabela 2 - Fontes que foram entrevista para o documentário Memórias Íntimas

Entrevistado	Justificativa
Cice Dalla Rú Idade: 37 anos	Três meses após realizar a mastectomia, cirurgia de retirada de uma ou ambas as mamas, recebeu o diagnóstico de metástase cerebral e óssea.
Roberta Leite Idade: 44 anos	Descobriu o câncer de mama em estado avançado e já em fase de metástase (quando há a disseminação das células cancerígenas para outros órgãos) no pulmão e óssea.
Clara Lucia Casici Idade: 64 anos	Treze anos após o fim do tratamento de câncer de mama, recebeu a notícia da existência de um novo nódulo maligno.
Maria Inez Idade: 34 anos	Recebeu o diagnóstico após um mutirão realizado na cidade de Bauru. Está há um ano sem células cancerígenas em seu corpo.
Fernanda Henes Leme Idade: 34 anos	Na época da produção, havia recebido o diagnóstico apenas 15 dias antes do contato.

Devido ao perfil diferenciado de cada entrevistada, foi necessário montar um roteiro de perguntas (Apêndice 2) específico para cada uma, porém com questionamentos em comum, a fim de criar uma ligação entre elas para facilitar a criação de um diálogo fluído no resultado final do documentário. É importante ressaltar que todas as entrevistadas assinaram o “Termo de Cessão Gratuita de Direitos sobre Licença de Uso de Imagem e Voz” (Anexo 1).

As captações das imagens foram divididas em duas partes. A primeira foi a entrevista presencial com as fontes, que foi realizada inteiramente durante o mês de outubro de 2015. A escolha do mês de gravações desta primeira parte foi proposital. Neste mês comemora-se o “Outubro Rosa”,

uma iniciativa anual que busca colocar a tema da prevenção contra o câncer de mama em todos os meios de veiculação o possível, além de realizar atividades e mutirões a fim de suscitar a discussão do assunto e ajudar mulheres a fazer o exame preventivo, seja ele o autoexame ou a mamografia.

Já a segunda parte de gravações foi dedicada inteiramente à captação de imagens de seios, sendo realizada em janeiro de 2016. A captação de imagens feita perto ao prazo de entrega do trabalho se deve ao fato de que este “extra” não estava incluso nos planos iniciais do produto. O assunto veio à tona durante um atendimento de orientação e se transformou em uma medida para ajudar naturalizar e deserotizar a imagem de seio. Afinal, esta é uma parte do corpo humano como qualquer outra e que deveria ter a liberdade de exposição sem retaliações morais criadas e cultivadas há séculos pela sociedade patriarcal em que vivemos atualmente: “a erotização dos seios femininos não é um fato universal, inscrito na mera biologia da espécie humana; tampouco se manifesta de forma idêntica em todas as culturas, e nem sequer permaneceu estável em nossa própria tradição” (SIBILIA, 2013, p.8). Essas imagens aparecem em determinados momentos do documentário principal para criar uma quebra de assunto, provocar estranhamentos e levantar uma proposta de discussão e reflexão para o público.

As imagens foram captadas a partir de três câmeras emprestadas de amigos próximos, são elas: Nikon D3200, Nikon D5100 e Cânon sx40HS. Apesar do uso de um microfone auxiliar, devido à grande capacidade de captação de áudio das câmeras, não foi necessário utilizá-lo na edição. Apesar de a autora ter realizado o projeto sozinha, durante as gravações, ela contou com uma ajuda extra a fim de não comprometer a qualidade tanto das imagens quanto das entrevistas. É necessário dar crédito em grande parte das imagens para João Pedro Ferreira, que se disponibilizou a acompanhar e se responsabilizar pelas imagens da primeira parte das filmagens.

4.4 EDIÇÃO

Com a primeira parte das imagens capturadas, a autora pode começar a investir na edição do documentário. Foram necessários pouco menos de dois meses para terminar a edição do produto final. Essa edição foi realizada em computador próprio e com o uso do software Adobe Pro CC (Adobe Premiere, Audition, Photoshop).

A edição foi dividida em duas etapas: primeiro foi feito a decupagem das imagens para saber qual conteúdo estava com qualidade o suficiente para entrar no documentário. A segunda etapa consistiu em realizar uma espécie de roteiro para guiar a autora na fluidez do diálogo proposto. Após várias edições e recortes necessários, foi possível criar uma linha do tempo que narrasse com precisão e graça as histórias das cinco personagens.

Como já foi citado neste relatório, devido à personagens, foi necessário realizar uma alteração na ideia inicial do produto e retirar a discussão acerca do SUS do documentário principal. A autora utilizou de outro pequeno vídeo como um recurso para não deixar este tema importante de lado. Após a finalização do roteiro principal, foi necessário delinear uma nova linha do tempo voltada unicamente para a experiência de algumas das entrevistadas com o sistema de saúde gratuito oferecido pelo país.

Após todos esses processos, a segunda parte de imagens foi capturada e introduzida ao repertório original, assim como a trilha sonora. A música escolhida para acompanhar a narrativa foi de “Deixa Eu Falar”, de Ivan Lins e Ronaldo Monteiro de Souza (1973), na voz da cantora Claudya, famosa nos anos 1980 por sua música “Não chores por mim Argentina” no musical *Evita*. O motivo principal da predileção por essa canção é pela sua letra em si, que sugere um desabafo do compositor sobre suas angústias e por aquilo que já teve que passar. Essa ideia vai de encontro com a proposta do documentário: “suportei meu sofrimento de face mostrada e riso inteiro. Se hoje canto meu lamento coração cantou primeiro e você não tem direito de calar a minha boca. Afinal me dói no peito uma dor que não é pouca tem dó!” (LINS; MONTEIRO, 1973)

Com o fim das edições foi possível obter dois produtos derivados do material bruto: um documentário de 27 minutos e sete segundos e um vídeo extra voltado para a discussão do SUS, com a duração exata de seis minutos e doze segundos.

4.5 MEMORIAL

Após a finalização do documentário e do vídeo extra, a autora utilizou-se do mês de janeiro para reunir as informações necessárias para redigir o memorial do projeto experimental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que me entendo por gente tenho medo da solidão, ou melhor dizendo, da minha falta de capacidade para fazer as coisas sozinha. Depender apenas da minha opinião ou da minha visão para escrever um texto acadêmico ou uma reportagem é motivo para várias crises existenciais, momentos de melancolia e choro. Não é de se surpreender que, desde que entrei na faculdade, já pensava em como seria o meu trabalho de conclusão de curso e com quem faria. Assim como os anos mudam, as perspectivas de vida e planos também se alteram. Afinal, a cada semestre, greve e ano que se passava, uma nova Isabela foi se moldando e deixando de lado a ingenuidade de que as coisas só dão certo quando são feitas em conjunto.

Conforme o quarto ano se aproximava, a ansiedade, já tão familiar, bateu à minha porta e fez com que eu tomasse uma das melhores decisões que eu pude fazer nestes quatro anos de graduanda: o de enfrentar as minhas inseguranças e abraçar toda a pressão psicológica causada por esse singelo trabalho sozinha. Não há como discordar, a maior dificuldade enfrentada neste projeto foi a de ser aquela que decide tudo, que tinha nas mãos o poder de dar voz àquelas que já são deixadas de lado por pena, dó ou preconceito. Como lidar com a pressão de expor a vida e intimidade de minhas queridas entrevistadas e não estragar tudo? Suas vidas não foram fáceis, suas histórias não são simples e, ainda assim, elas foram totalmente solícitas aos pedidos tímidos de uma simples estudante de jornalismo.

Outra dificuldade encontrada foi a de lidar com os softwares de edição. Apesar de ter o privilégio de poder fazer edição em computador próprio, muitas vezes a falta de um conhecimento aprofundado fez com que eu gastasse mais tempo pesquisando tutoriais do que na edição em si.

Não posso deixar de lado, que por puro perfeccionismo, quis assumir toda a edição e direção do projeto. Desde o roteiro de perguntas, decupagem, edição de vídeo e áudio, a criação de uma identidade visual e de um material gráfico apresentável, apesar de ter pouquíssima noção de editores de imagem. Abracei inteiramente a causa que eu mesma me propus e não nego que nunca estive tão orgulhosa de mim mesmo. Eu não desisti (apesar de ter tido várias crises existenciais), consegui lidar com as adversidades e desafios que foram aparecendo pelo caminho, consegui narrar as histórias de cinco mulheres com o cuidado e graça que eram necessários devido à delicada temática, consegui me desconstruir de preconceitos que posso ter carregado comigo antes deste contato direto com as protagonistas do documentário e consegui sentir na pele a satisfação de ser jornalista e devolver um pouquinho que seja para a sociedade de tudo aquilo que ela investiu em minha educação todos esses anos.

Sobre o papel de ser jornalista neste projeto, acredito que dentre todas as etapas (produção, entrevista e edição) aquela que fez com que eu mais crescesse na minha profissão foi a da entrevista. Além de precisar de uma grande preparação antes de me aproximar das fontes, um tema delicado quanto o câncer de mama não pode ser abordado de qualquer maneira, foi preciso ter sutileza e rememorar as dicas dadas por vários professores durante a graduação para não constranger a fonte. Também precisei colocar em prática um dos maiores papéis do jornalista, mas muitas vezes esquecido, o de ouvir. Tive que reaprender e me “especializar” em ouvir e interpretar as alegrias, angústias, dores e celebrações de cada uma delas, já que as suas palavras não saiam apenas de suas bocas, mas também de seus gestos, dos seus olhares, das posturas confortáveis ou desconfortáveis. Tive que me despir do papel de emissora para conseguir receber e compreender todas aquelas emoções e histórias que me eram confidenciais durante cada segundo das quase quatro horas e trinta minutos de entrevista. Aprendi com isso, que o ato de entrevistar não é apenas aproveitar daquilo que te interessa, mas conseguir extrair dali cada detalhe, porque todos fazem a diferença, não importa se for um relato, uma reportagem, uma entrevista ou uma confissão. Tudo aquilo importa e, como jornalista, meu papel é mostrar que isso para a sociedade

Acredito também que é de extrema importância a produção de documentários como este para gerar o debate acerca da temática. Além disso, é necessário que os profissionais do jornalismo se proponham a humanizar as informações veiculadas. Por exemplo, apesar de ser o correto a se fazer, muitas vezes um médico não vai saber como passar as informações de forma mais concisa o possível. Como já foi dito durante o memorial, essa desumanização da informação pode gerar ainda mais desinformação, contribuir para a criação de estereótipos ou para reforçar ideias preconcebidas tanto do diagnóstico, do tratamento, ou até mesmo dos pacientes.

No geral, só posso ser grata pela oportunidade e pelas reflexões que me foram propostas ao longo destes sete meses em que o projeto foi um companheiro e durante os quatro anos de graduação. Posso afirmar que nunca me senti tão realizada em conseguir criar um produto do qual outras pessoas possam se inspirar para seguir com força e esperança em meio a um diagnóstico delicado como o câncer de mama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALPERÍN, Jorge. **La entrevista periodística: Intimidades de la conversación pública**. 2ª edição. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA, **Recomendações para a redução do câncer de mama no Brasil**. Rio de Janeiro: Inca, 2012.

BRASIL. Lei 12.732, de 22 de novembro de 2012. Dispõe sobre o primeiro tratamento de paciente com neoplasia maligna comprovada e estabelece prazo para seu início.. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12732.htm>. Acesso em: 20 jan. 2016.

LINS, Ivan; MONTEIRO, Roberto. Deixa Eu Dizer. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ivan-lins/364396/>, data de acesso: 24 jan. 2016.

LOTTI, Renada Cardoso Baracho; BARRA, Alexandre de Almeida; DIAS, Rosângela Correa; MAKLUF, Ana Sílvia Diniz. **Impacto do Tratamento de Câncer de Mama na Qualidade de Vida**. In: Revista Brasileira de Cancerologia, p. 367-371, 2004. Disponível em: http://www.inca.gov.br/rbc/n_54/v04/pdf/367_372_Impacto_do_Tratamento_de_Cancer_d_e_Mama.pdf, data de acesso: 21 jan. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Entendendo o SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2013/agosto/28/cartilhaentendendo-o-sus-2007.pdf>, data de acesso: 16 jan. 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 4ª edição. Campinas: Papirus, 2009.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. 2ª edição. Campinas: Papirus, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal - o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

SIBILIA, Paula. **O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas**. XII Encontro anual da Compós. Bahia: UFBA, 2013.

APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice 1 - Material gráfico



Apêndice 2 - Roteiro de perguntas padrão

VIDA

- Nome, idade e local de nascimento;
- Relação com os pais/irmãos;
- Infância;
- Juventude/adolescência;
- Casamento/filhos;
- Carreira;
- Hobbies .

DIAGNÓSTICO

- Quando? Como? Por que (sintomas)?
- Reação;
- Aceitação;
- Os outros (contar para família e amigos);
- Tratamento (mastectomia, cirurgia, quimioterapia, radioterapia ou outros tratamentos);
- O que mudou em seu corpo;
- Como se enxerga;
- Inseguranças (beleza, sexualidade, personalidade);
- Apoio de amigos e familiares;
- Reação de pessoas desconhecidas;
- Sofreu algum tipo de preconceito ou constrangimento?
- Conviver com a doença;
- Mudanças internas (o eu antes/depois diagnóstico).

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)

- Como foi o atendimento?
- Houve alguma burocracia?
- Na sua opinião, qual é a qualidade do tratamento?
- Os médicos/enfermeiros foram solícitos?

- O sistema disponibilizou gratuitamente todos os medicamentos necessários para o tratamento?
- Trocaria por um tratamento particular?

FUTURO

- Quais são as suas inspirações diárias?
- Você tem sonhos concretizados e sonhos não concretizados?
- Quais são os seus planos para o futuro?

MENSAGEM

- Mensagem para uma pessoa que acabou de receber o diagnóstico de câncer de mama;
- Mensagem para quem tem medo/desconfiança do tratamento oferecido pelo SUS;
- Mensagem para você daqui alguns anos.

Anexo 1 - TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE LICENÇA DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____, de
 nacionalidade _____, estado civil _____, portador(a) do
 RG-DI nº _____, inscrito(a) no C.P.F./M.F. sob o nº
 _____, residente e/ou domiciliado(a) no(a)
 _____,
 cidade de _____, estado de _____

_____, CONCEDO, gratuitamente, para os devidos fins, o direito de utilizar minha voz e minha imagem, para a gravação e/ou transmissão do projeto/programa “Memórias Íntimas”, a ISABELA GIORDAN LINHARES, de nacionalidade brasileira, estado civil solteira, portador do RG no 41. 172. 948-2, inscrito(a) no C.P.F. sob o nº 424. 098. 518 - 86, residente e domiciliado na Rua Antônio Caldador Braques, 2-26, cidade de Bauru, estado de São Paulo. Declaro, para os devidos fins que, nada tenho a pleitear ou reclamar com relação aos direitos cedidos, sendo que ISABELA GIORDAN LINHARES, detentor dos direitos da obra, reserva-se no direito de editar, sonorizar, veicular em Emissoras de TV aberta ou fechada, nacional ou internacional, utilizar em outras mídias, eletrônicas ou impressas, comercializar quaisquer produtos oriundos da minha participação, renunciando ao recebimento de quaisquer remunerações por minha participação e dos frutos provenientes da comercialização, cessão a terceiros ou quaisquer outras modalidades de exercício comercial ou não, utilizar ou não utilizar minha participação, conforme convier ao projeto, entendendo-se assim a plena razão, geral quitação ora dada. Informo ainda que, tudo que declarei foi espontâneo e representa meus pensamentos e opiniões, tornando ISABELA GIORDAN LINHARES isento de qualquer declaração que eu possa fazer. No mesmo sentido, declaro, expressamente, não possuir nenhuma restrição em razão de contrato de exclusividade com quaisquer pessoas jurídicas ou não, portanto, sendo-me permitido ceder os direitos previstos neste Termo. E por ser a expressão da verdade, firmo abaixo como prova de sua exatidão.

_____, _____ de _____ de _____.

 ASSINATURA